

USOS E CONTRAUSOS DO “CALÇADÃO”: UMA LEITURA DO ESPAÇO PÚBLICO EM CAMPINA GRANDE (PB).

Professora Dra. Maria Jackeline Feitosa Carvalho

Grupo de Estudos Urbanos (GEUR) – Universidade Estadual da Paraíba (UEPB).

mjacfc@uol.com.br

O presente artigo busca analisar a relação entre *cidade e espaço público*, e, nesse sentido, pensar as ideias-chave que articulam o uso e apropriação do espaço público em Campina Grande (PB) a partir de um território específico: o seu centro principal. Discussão essa iniciada quando da elaboração de nossa tese de doutoramento; pois, naquele primeiro momento, buscávamos entender o processo da requalificação urbana ocorrida na cidade entre as décadas 1970-2000 e o conjunto de transformações socioespaciais que inauguraram, neste contexto específico, o desenho formulado por intervenções públicas neste lócus. Tais intervenções tiveram por propósito estabelecer uma imagem estratégica de Campina : urbe competitiva, moderna, *tech city* e contemporânea.

Todavia, ao transformar a estrutura urbana e, conseqüentemente, a condição social de Campina Grande, a requalificação impôs um nítido processo contemporâneo de higienização, ao redesenhar o espaço público e o traçado urbanos pela tentativa de “regenerar” seus tecidos físicos e sociais. Este destaque é importante, pois permite perceber em que contexto se coloca o uso do mais interessante espaço público de Campina, fundamental ao desenvolvimento de sociabilidades e formas de entretenimento: o *Calçadão da Cardoso Vieira*, localizado no tecido mais antigo do perímetro histórico da cidade.

Popularmente conhecido apenas pela alcunha de “*Calçadão*”, o local fora pensado como uma forma de consolidar o centro de Campina como espaço público, reservado às possibilidades de acesso e usufruto da urbe, ainda é descrito como relevante e emblemático no cotidiano de Campina. Inaugurado em 1975, como “*Calçadão Jimmy de Oliveira*”, é inicialmente chamado de *Calçadão da Flórida* em alusão ao largo onde outrora se localizava a tradicional ‘Sorveteria Flórida’ — por muitos anos, a Flórida aglutinou os mais acalorados e intensos debates públicos e políticos em Campina. A mesma, após a construção do *Calçadão*,

ainda funcionou até final dos anos 1980, bem próxima ao local (Rua Marquês do Herval), mas, como afirmam seus antigos frequentadores, sem o mesmo encanto de outrora.

É notório que a partir dos anos 1970-1980 a centralidade, a urbanidade e os modos de vida modernos passam a ser incorporados, de fato, como referências simbólicas de Campina Grande. Referências essas em parte definidas a partir de um determinado espaço — o centro principal. A ocupação mais intensiva do centro de Campina Grande é introduzida no planejamento oficial da cidade, através da inserção de uma incipiente política voltada a construir, urbanizar e definir usos específicos de determinados equipamentos instalados no centro.

Essa política é iniciada nos anos 1970 através de Programas como o *PDLI* (Plano de Desenvolvimento Local Integrado) e, acentuada, na década de 1980, com o *CURA* (Complementação Urbana de Recuperação Acelerada). Programas executados localmente, via parceria com governo federal, e aliados às mudanças urbanas que ocorriam nesse momento. Ambos conduziram a uma série de intervenções que criariam e definiriam o uso de determinados equipamentos, todos localizados no centro, para se produzir uma imagem de Campina Grande por novas paisagens: construção de equipamentos voltados especificamente ao lazer, arquitetura mais arrojada, asfaltamento dos principais acessos ao centro, dentre outras.

A cidade passa a ser pensada pelo propósito de renovar seus usos, ou mesmo criá-los, de modo a organizar e potencializar seu centro principal. Tudo isso empreendido sob uma imagem dos tipos de usos que deveriam se voltar ao comércio, à diversão e ao turismo. Em conjunto tais usos visavam provocar, aos olhos dos cidadãos ou visitantes, a transformação do centro de Campina Grande pelo afã de revelá-lo moderno. Passa-se a priorizar, por exemplo, intervenções que visavam preparar o centro dotando-o de toda a infraestrutura necessária, pela imediata requalificação e construção dos seus hoje principais equipamentos e logradouros públicos - *Pátio da Estação Velha*, *Açude Velho* e *Açude Novo* (Parque Evaldo Cruz). Propunha-se projetar a cidade como expressão de lazer, recreação e cultura, pois, em termos mais gerais, as intervenções na área central irão operar pelo intuito de produzir a (re) inserção de Campina sob o ponto de vista simbólico, ao desejar transformá-la por um processo modernizador.

Esse processo é fortemente guiado pela linguagem planejadora e técnica do desenho urbano, preconizado como embelezamento. Sob tal ótica, o centro era renovado por usos que, em consequência das intervenções neste espaço, tenderiam em priorizar a ocupação de alguns espaços públicos, a exemplo da própria construção do *Calçadão*. Essa compreensão nos possibilita, portanto, *primeiro*, analisar como o *Calçadão* se constitui em espaço público e, *segundo*, perceber de que maneira o uso deste espaço explica as transformações recentes do centro de Campina Grande.

Por outro lado, as mudanças ocorridas no centro principal de Campina Grande trazem à tona a hierarquização socioespacial, em torno da qual se dará a tensão entendida pela composição do espaço público da rua e, ao que parece bastante relevante, a reflexão da relação com seu espaço público. Pois, os usos dos lugares públicos na experiência urbana recente de Campina Grande em parte têm se constituídos pelas disputas, conflitos e contrausos gerados sobre “*O Calçadão*” e as relações sociais ali expressas.



Figura 1: Largo da Flórida (1970).

Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com>

O *Calçadão* marca um cenário que enquanto espaço físico, aqui percebido como território, permite pensar como Campina remodela (espacial e discursivamente) a dimensão pública e seu impacto na rua propriamente dita. Pois se tecem, neste espaço, as resistências, histórias, movimentos e errâncias que terminam por alterar (pelo conflito) as percepções sobre o espaço público em Campina Grande.

É como espaço de convergência de parcela significativa dos habitantes de Campina Grande e de metáfora da sua sociabilidade, que *o Calçadão* remete às operações de “desvios” na espacialidade do centro principal da cidade; por práticas que terminam em abrir brechas, estabelecer um lugar de vivências e em recondução a favor do uso ordinário que nele se elabora (Certeau, 1994).

Ao metaforizar a imagem de Campina Grande pelos usos e vivências neste espaço, o Calçadão assume a relevância jamais ocupada no contexto da cidade, como espaço econômico e social mais ativo; espaço público mais significativo da cidade, de onde os usos e as relações nele praticadas se tornam mais propícios às tensões.



Figura 2: Calçadão da Cardoso Vieira (1981)

Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com>

Isso nos permite formular a ideia de que o *Calçadão*, paradoxalmente, já nasce em conflito com os usos da rua, pois, palco privilegiado e representativo das mudanças de sociabilidades da cidade nas últimas quatro décadas, o *Calçadão* pode ser visto como espaço público de resistência urbana e contrausos “onde tudo acontece, ponto de irradiação da cidade”:

(...) é conhecido como o coração da cidade, o lugar onde tudo acontece e de onde tudo se vê. O Calçadão da Rua Cardoso Vieira é o *tradicional ponto de encontro de aposentados, artistas, intelectuais, professores, políticos, (...), mas também onde acontece o “comércio*

negro' das armas, mortes, drogas, assaltos e prostituição. É o palco dos artistas de rua, cantores de ocasião, pregadores do evangelho e contadores de piada. É o canto do fuxico e da fofoca.” É a boca maldita. “Boato bom e ruim, tudo começa aqui.”, como diz os mais antigos comerciantes do local. O local parece ter encanto. (...). Quem vê não acredita que o local possa ser o termômetro da cidade (Grifo nosso!). É uma rua estreita e pequena, com alguns bancos para sentar e pequenos comércios (...). Pelo local diariamente passam milhares de pessoas (...). O Calçadão tem personagens pitorescos que são o charme do lugar. (...). Disse um “jurássico” do Calçadão, o Advogado Wellington Barbosa do Nascimento, mais conhecido como Wellington do Queijo.(...). Wellington classifica o Calçadão como catedral da política, do futebol e da fofoca, onde “qualquer boato se espalha feito um rastilho de pólvora”.(....) Outra figura folclórica da área é “Biu do Violão”, fã ardoroso de Roberto Carlos. De chinelo no pé, boné na cabeça e um violão na mão, o “Roberto Carlos do Calçadão” dedilha sue violão enquanto entoa velhas canções do rei aos fregueses que tomam calmamente seu cafezinho, num dos pontos mais tradicionais do Calçadão,(...). Tem também Toinho do Triângulo, que apesar de ser analfabeto, desenrola nos bancos todos os “pepinos” que os comerciantes da área lhe pedem. Tem Ronaldo, o Seresteiro, (...). É comum encontrar também por lá “Edvaldo Cotó”. Ele anda sempre com uma Bíblia debaixo do braço, (...). Para todos esses freqüentadores (sic), o Calçadão é um lazer. (...).ⁱ

No espaço do *Calçadão* se inscrevem o discurso do ambulante, do comércio, da política, dos intelectuais, artistas, de simples transeuntes ou ainda de práticas ilícitas — tais como: tráfico, roubo e prostituição. Todos, percursos de uma tensão entre os pólos da “ordem oficial” e de práticas de resistência da rua, lugar nomeado, campo de forças que possibilita pensar este espaço pela categoria sociológica da *ação pública, da rua enquanto agente*, pois:

O atributo “pública” (...) tem como objetivo distinguir um tipo de processo que não se confunde com os usos e costumes banais da

existência urbana, nem do cotidiano privado, do qual igualmente se diferencia. (...). A noção de sociabilidade adotada aqui, ao contrário, refere-se aos processos interativos, representativos e simbólicos, relacionados às experiências vividas que constroem interações de rua, enquanto espaço de vida pública. (...). (LEITE, 2004, p.24).

Pelo atributo público da rua, o *Calçadão* tem por repertório os significados que expressam escolhas e contrausos acionados por determinados usuários na cidade; praticantes, ordinários que fabricam para si um uso próprio da rua, dismantelando as correntes do aparelho urbano e impondo à ordem externa da cidade sua própria lei de consumo do espaço (Certeau, 1994).



Figura 3: Calçadão (2011)

Fonte: http://iparaiba.com.br/ipbredacao/upload_imagens/aguinaldo%2006.

Nesse sentido, a problematização dos contrausos existentes na cidade e a presença de determinados usuários e praticantes (Certeau, 1994), põe sob questionamento um conflito de uso existente no *Calçadão*. Seja pela imagem pública que tem por referência a memória institucionalizada do comércio mais tradicional de Campina Grande; à luz do seu modo de estar na dinâmica tempo- espaço da cidade contemporânea, por se vincular às marcas da configuração de um espaço público , sempre excludente, nas cidades brasileiras.

Basta verificarmos o conflito existente no *Calçadão* entre ambulantes e poder público municipal, ao descrever lugares, sujeitos, táticas, estratégias, tempos e acontecimentos significativos aos modos como ambos percebem o *Calçadão*. Espaço inicialmente projetado

ao lazer que, em particular, passa a ser reapropriado ao uso de atividades econômicas dadas pelos contrausos de seus frequentadores e usuários (Certeau, 1994). Usuários que a partir deste espaço exercitam a condição de praticantes da cidade que jogam por astúcias, de forma a escaparem à disciplina imposta em um espaço a eles sutilmente ou terminantemente negado.

Situamos assim a destinação dada a certas unidades do tecido no ambiente urbano e, neste contexto, o discurso de requalificação do centro de Campina Grande, expresso significativamente pelo tipo de uso historicamente dado ao *Calçadão*. Elemento de expansão de contrausos, este espaço impõe outras paisagens que fortalecem, mesmo que de modo “ilegal”, a localização da atividade econômica, descreve ócios e formas de lazer presentes na cidade.

É desse modo que a função que o *Calçadão* parece desempenhar na Campina Grande contemporânea, e nesse sentido nas territorialidades dos praticantes da cidade, tem a ver com as características sociourbanísticas que historicamente fundaram a rua como espaço-símbolo de segregação referida à negação do espaço público:

(...), o desprestígio da rua brasileira em seu nascedouro- e ainda em nossos dias- isto é, o seu não reconhecimento como espaço fundamental da cidade, pode ser apreendido a partir de três pontos principais. O primeiro deles vem à tona quando se observa o *uso plebeu* (Grifo de autoria!) que lhe foi dado. O segundo se evidencia na *função de circulação* (Grifo de autoria!) que marcou o seu surgimento e, finalmente, o derradeiro dos pontos acima indicados pode ser percebido pela *forma residual* (Grifo de autoria!), quase ao acaso, sugerida em muitos arranjos espaciais que as cidades brasileiras manifestam. (LEITÃO, 2006, p.315).

Neste cenário dois universos distintos se impõem: a cartografia da rua e a tentativa de sua ‘domesticidade’. Em estratégias — do poder público e comerciantes locais — em impor uma dualidade, perigosa e recorrente, à separação física e social na cidade, ao proibir determinadas práticas e atividades econômicas. Juntos, estes universos (a rua e sua domesticidade) põem em discussão a paisagem que desloca a imagem de Campina para uma forma diferenciada de nomear este espaço, por modos de agir, tantas vezes ocultados, sob a ordem oficial estabelecida:

Falando de modo mais geral, uma *maneira de utilizar* (Grifo de autoria!) sistemas impostos constitui a resistência à lei histórica de um estado de fato e suas legitimações dogmáticas. Uma prática da ordem construída por outros redistribuir-lhe o espaço. Ali ela cria ao menos um jogo, por manobras entre forças desiguais (...). Aí se manifestaria a opacidade da cultura “popular” (sic) (...).O que aí se chama sabedoria, define-se como *trampolinagem*(Grifo de autoria!) , palavra que um jogo de palavras associa à acrobacia do saltimbanco e à sua arte de saltar no trampolim, e como *trapaçaria*(Grifo de autoria!), astúcia e esperteza no modo de utilizar ou de driblar os termos do contrato social.Mil maneiras de *jogar / desfazer o jogo do outro*(Grifo de autoria!), ou seja,o espaço instituído por ou, caracterizam a atividade, sutil, tenaz, resistente (...),uma arte dos golpes, dos lances, um prazer em alterar as regras do espaço opressor.Destreza tática e alegria de uma tecnicidade.(...).(CERTEAU, 1994, p.79).

Para tanto, é relevante percebermos que a trajetória de ocupação do *Calçadão* tem por ênfase os principais usos e termos envolvidos no ponto de vista das imagens projetadas sobre Campina Grande. Assim podemos afirmar que, incorporado na cidade e ao cotidiano de seus habitantes, o *Calçadão* é elemento imprescindível à vivência do espaço público e diversões de populares, local que transgride pela “informalidade”, ilegalismos e contrausos das finalidades reservadas oficialmente.

Os contrausos presentes neste espaço representam paisagens sociourbanísticas (de usuários e praticantes) que consigo trazem significativas transformações, nas práticas culturais do espaço público de Campina. Marcados por conflitos, que se originam no contexto e níveis de produtividade e desemprego no Município, os contrausos colocam a clara dimensão da restrição dos espaços públicos na cidade.

Podemos pensar que as formas de usos do *Calçadão* revelam como as territorialidades são definidas e retratadas no espaço público de Campina Grande, em uma tensão que promove a imagem dos *ilegalismos urbanos* (Telles, 2009) como marca da prática neste espaço. Protagonistas das cenografias e errâncias da rua— ambulantes, pobres urbanos, prostitutas,

transeuntes, todos nômades na própria cidade—denominadas de *resistências urbanas* (Jacques, 2004).

Os ilegalismos são fundamentais para entendermos o que tem ocorrido no *Calçadão*, em relação às fronteiras entre o mercado formal e informal, “(...) os modos como esses mercados se organizam e se distribuem nos espaços urbanos” (Telles, 2009, p.54). Nesse sentido, cabe destacar o insucesso das tentativas, postas pelo poder público e comerciantes formais desde os anos 1980, em subtrair a “informalidade” e os ilegalismos deste espaço em recorrência a um discurso segundo o qual, tal medida, “consensualmente” equacionaria o problema dos ambulantes e sua prática econômica no centro de Campina.

Deste modo as relações que se prestam os usuários do *Calçadão* à apropriação simbólica deste lugar é tarefa difícil de explorar como simples prática de sobrevivência, trabalho incerto e “sem forma” pois territorializa determinadas fronteiras de um dispositivo da rua na cidade “(...) dispositivo (...) que coloca em cena (...) a trama de relações que passam por essa teia de intermediários e mediações, pelas quais os agenciamentos são feitos nas dobras do legal e ilegal, do formal e informal. (...), situação “que torna possível a coexistência da legalidade e da ilegalidade, e a mudança permanente dos seus limites. (TELLES, 2009, p.163).

Sob esse ângulo, é relevante inserirmos a perspectiva teórica sobre o conceito de espaço público para reforçarmos novos lócus de análise, a partir da relação com as práticas empreendidas pelos usos que diferentes grupos fazem do *Calçadão*. Práticas e intervenções contra-hegemônicas, micro-resistências urbanas (Jacques, 2004) que se configuram como formas de ocupar e apropriar um espaço público a partir de um lugar que sustenta e renova as diferenciações socioespaciais. Égide de uma lógica cuidadosamente organizada de territorialização da rua e do processo de produção do espaço público em Campina Grande.

Nesse sentido a contribuição do *Calçadão* reside em mostrar como se coloca a vivência de um espaço que é público, em meio a um debate que se ora desdobra por relevantes contribuições que buscam discutir o que tem ocorrido em relação ao espaço público na contemporaneidade. Exemplo detalhado da marca de organização social da rua à brasileira, o *Calçadão* acompanha o cenário de embates de ordens diversas, de classificação social como territorialidade, no sentido trabalhado por Carneiro (2009), de operador classificatório que determinados grupos elegem para experimentar e vivenciar um determinado espaço, de

disputas ancoradas por um espaço público que marca o intenso e fluido conflito entre o “formal” e o “informal” na cidade.

De tal modo que a imagem das resistências no *Calçadão* de Campina Grande contribui para fortalecer um debate que, bastante complexo (e ainda em construção), busca reavaliar o espaço público em meio a sua fragmentação caracterizada pelo fechamento e o medo (a exemplo do que ocorrem com as sociabilidades urbanas presentes em shoppings centers e condomínios fechados). Por essa ordem, o desenho urbano do *Calçadão* deva ser observado pelo recorte, domínio e articulação que perpassam a ideia do discurso como uma prática social, compreensível dos usos sobre a cidade.

Espaços sobrepostos por um discurso oficial que demarca e nomeia enquanto lugares, territórios que “(...), se estabelecem marcos e fronteiras, de como se simbolizam a separação espacial, de como se nomeia o território próprio e o território do outro, como se denomina o próprio grupo e o grupo vizinho [o outro] (...). (Muniz de Albuquerque, 2007, p.9).

A perspectiva adotada para leitura do *Calçadão*, em resumo, estimula a reflexão sugestiva de apreender as imagens do espaço público, apontando ou sublinhando uma compreensão mais ampla das intencionalidades presentes neste espaço. Visto que a apropriação do espaço público é a significação de um lugar onde as “falas desorganizadas, fora da ordem”, pedaços da cidade como diria Certeau (1994), remetem a uma inversão espacial hegemônica. Essa noção é decisiva, pois possibilitar entender do *lugar de onde se narra o espaço público na cidade*: se do lugar de mudanças; das relações entre espaço e tempo; se por fatores que definem suas localizações, investimentos e unidades produtivas ou se de *partes* da cidade e territórios marcados pela tensão entre ordem e desordem, moderno e antigo, dentre outras marcas, daquilo que tem oferecido como contestação ao oficial.

O modo como os campinenses interpretam o *Calçadão*, seus personagens e sujeitos urbanos, tem significados e formas que distinguem, ocupam, usam, projetam e distribuem diferentes lugares instaurados sobre a cidade em seu espaço público. O *Calçadão* se configura como um lugar, bastante peculiar, nas imagens de Campina Grande e pode ser interpretado como território de diferentes itinerâncias e modos de vida na cidade e, portanto, de relevante contribuição à análise sociológica dada a diversidade de práticas que caracterizam o cotidiano deste logradouro como seu principal espaço público.

BIBLIOGRAFIAS:

CARNEIRO, Sandra de Sá. "Rio, Zona Norte e Zona Sul: fronteiras para além dos estigmas". In: CARNEIRO, Sandra de Sá; SANT'ANNA, Maria Josefina Gabriel. *Cidades, olhares e trajetórias*. Rio de Janeiro : Garamond, 2009. pp.193-218.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.v.1.361p.

JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes. Breve histórico das errâncias urbanas. *Arquitextos*, São Paulo, 05.053, Vitruvius, out 2004. Disponível em:<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/05.053/536>>>. Acesso em: 04 abr.2010.

LEITÃO, Lúcia. Um traço, muitos riscos. *Rev.Cronos*. Natal, v.7, n.2, p.311-320, jul./dez. 2006.

MUNIZ DE ALBUQUERQUE, Durval. *Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia*. São Paulo: Cortez, 2007.135p.(Coleção Preconceitos).

TELLES, Vera da Silva. Ilegalismos urbanos e a cidade. *Rev. Novos estudos CEBRAP*. 2009, n.84, pp.153-173. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/nec/n84/n84a09.pdf>> Acesso em: 20 abr.2010.

ⁱ CALÇADÃO chega aos 25 anos e se mantém como centro de irradiação. JP, 29 set.2003. (Caderno Cidades - Helda Suene). Ressalvamos aqui o erro de data, presente no título da matéria, visto que a inauguração do Calçadão data de setembro de 1975.